

Empresários estão pessimistas

SÃO PAULO – As medidas fiscais do governo terão forte impacto negativo no comércio neste ano. As previsões de faturamento e vendas físicas do varejo paulista foram revistas e sofreram mudanças, segundo a Federação do Comércio do Estado de São Paulo (FCESP).

Antes do aumento dos juros e do anúncio do pacote fiscal, estimava-se uma redução de 6% na receita e queda de 3,5% nas vendas. Agora, a federação acredita que o faturamento cairá 9% e a comercialização terminará o ano com uma baixa de 6%.

Para o diretor executivo da Federação, Antonio Carlos Borges, o ajuste fiscal tem um forte efeito psicológico, com duas consequências: deixa os consumidores com medo de assumir dívidas e as redes varejistas em oferecer crédito a longo prazo.

O economista-chefe da entidade, Marcel Solimeo, disse que o pacote forçará uma desaceleração da economia, mas não recessão no setor. A Federação do Comércio prevê que o próximo passo do varejo - que teme a

alta inadimplência - será reduzir o número de parcelas em crediário.

O presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Carlos Eduardo Moreira Ferreira, disse ontem que o pacote fiscal do governo “contém medidas duras, fortes e indispensáveis”, para o momento que o país está vivendo. Mas ele classificou como recessivos o aumento do Imposto de Produtos Industrializados (IPI) e a duplicação das taxas de juros anunciada há dez dias.

“As taxas estão absurdamente altas, extravagantes e indesejáveis. Impossível sobreviver neste cenário. Precisamos parar de viver de pacotes. Aachamos que tínhamos superado esta fase, mas ela voltou”, disse.

De acordo com Moreira Ferreira, o aumento da carga tributária do País para 31% do Produto Interno Bruto (PIB) é inadmissível. O presidente da Fiesp considera ideal a medida tomada em relação às estatais, “pois são decisões adequadas e apropriadas, que já podiam ter sido tomadas antes”, disse Moreira Ferreira.

Segundo o empresário, o país pode viver uma situação muito delicada no final do ano, em relação ao faturamento das indústrias e à geração de emprego. “Toda a sociedade deixou de fazer a lição de casa e por isto estas medidas tiveram que ser tão bruscas.”

Horizonte sombrio – A curto prazo nada de bom acontece. Pelo menos é essa a visão dos pequenos empresários com relação às medidas anunciadas ontem pela equipe econômica do governo. Duas delas – a que diz respeito ao Adiantamento de Contrato de Câmbio e o Fundo de Aval – parecem oferecer as facilidades de crédito e de um ganho financeiro antecipado, mas nada adianta enquanto as taxas de juros estiverem altas.

“O horizonte é ruim. O quadro recessivo vai piorar e pode ser que até o início de 1998 os juros caiam. Só então as linhas de crédito vão funcionar para as pequenas empresas”, diz Benito Paret, presidente da Federação Fluminense das Micro, Pequenas e Médias Empresas (Flupeme). Para ele, o problema dos pequenos é garantir o pagamento dos

empréstimos. “Eles pedem 140% mais a mãe”, brinca.

Preços de importados – Para o empresário Daniel Plá, dono da rede de revelações fotográficas De Plá e presidente da Associação Brasileira de Franchising, as empresas que importavam produtos terão que subir os preços, enfrentando uma conseqüente queda na demanda e a inflação deve aumentar. “As empresas com produtos nacionais também vão aproveitar para aumentar os preços”, prevê. Nada, no entanto, deve afetar a De Plá, que já estava estocada para o Natal.

De acordo com o diretor superintendente do Sebrae/ RJ, José Augusto Assumpção, “quem tiver condições deve evitar recorrer às linhas de crédito”. Sem esperar grandes vendas no Natal, os sócios da fábrica de biquínis Salinas acreditam em uma recessão. “A experiência nos ensinou que quando as pessoas fogem das grandes compras, como carros e apartamentos, correm para produtos mais baratos. Essa é a nossa esperança”, diz o sócio Antônio Di Biasi.